

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica

Volume 13 | Número 1 | Janeiro – Junho 2019

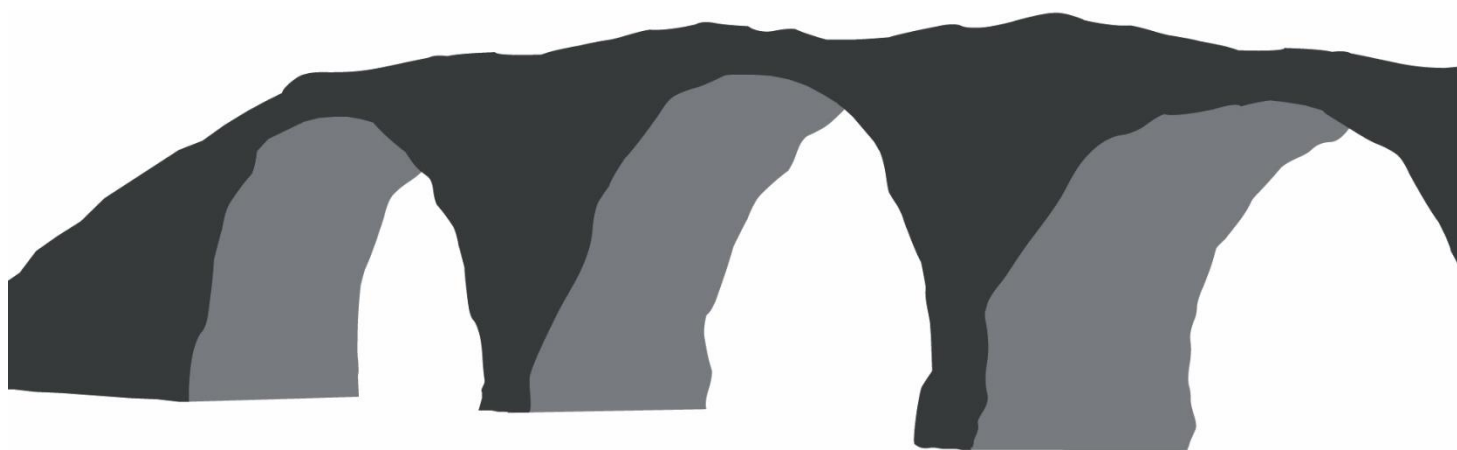
ISSN 1981-5875

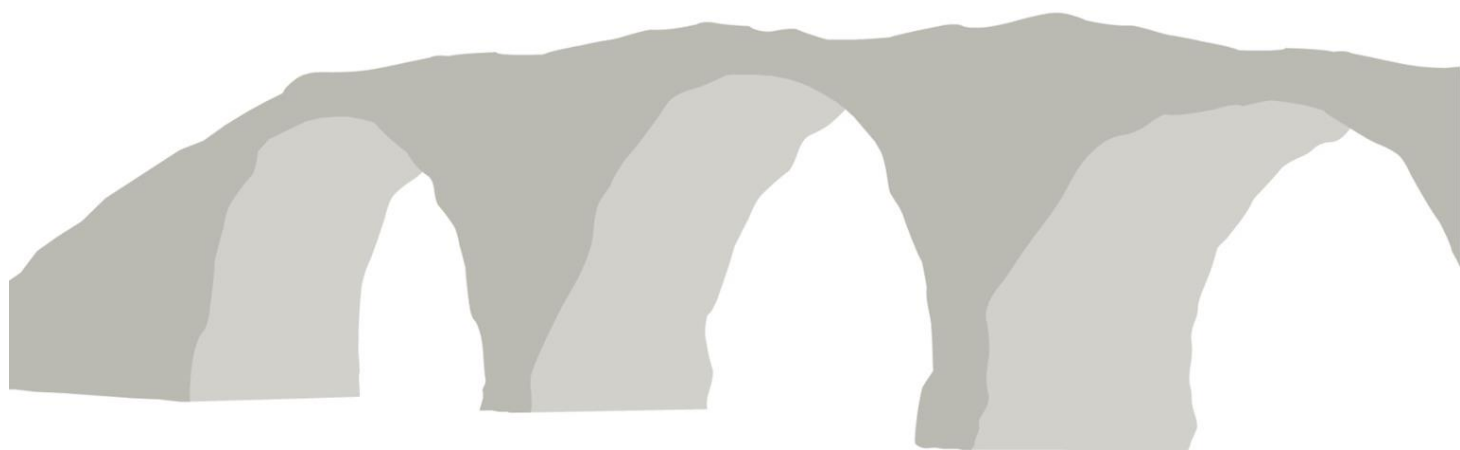
ISSN (online) 2316-9699

**BRANCOS, CASTANHOS E VERMELHOS:  
CACHIMBOS ARQUEOLÓGICOS DE CERÂMICA NO FORTE ORANGE**

**WHITE, BROWN AND RED:  
ARCHAEOLOGICAL CLAY TOBACCO PIPES AT FORTE ORANGE**

Sarah de Barros Viana Hissa





*Data de recebimento: 24/11/2018.*

*Data de aceite: 21/04/2019.*

# BRANCOS, CASTANHOS E VERMELHOS: CACHIMBOS ARQUEOLÓGICOS DE CERÂMICA NO FORTE ORANGE

## WHITE, BROWN AND RED: ARCHAEOLOGICAL CLAY TOBACCO PIPES AT FORTE ORANGE

Sarah de Barros Viana Hissa<sup>1</sup>

---

### RESUMO

As escavações arqueológicas no forte Orange, sítio multicomponencial de edificação fortificada construída e utilizada para fins militares, resultaram em imensas quantidades de cachimbos. Dois tipos básicos dessas peças foram encontrados: cachimbos importados, em geral feitos de argilas brancas caulínicas, e cachimbos de argilas colorizadas, muito provavelmente feitos no Brasil. Ambos os tipos são aqui descritos e problematizados: no caso dos cachimbos de argilas brancas, principalmente com foco na sua utilização, enquanto para os de barro, principalmente a partir de questões que circundam sua produção.

**Palavras-chave:** Cachimbos, fumo, forte, holandeses, manufatura brasileira.

### RESUMEN

Las excavaciones arqueológicas en el fuerte Orange, sitio de edificación fortificada construida y utilizada para fines militares, resultaron en inmensas cantidades de pipas. Dos tipos básicos de pipas fueron encontrados, las importadas, en general hechas de arcillas blancas de caolín, y pipas de arcillas en colores, muy probablemente hechas en Brasil. Ambos tipos se describen y problematizan: en el caso de las pipas de arcillas blancas, principalmente con foco en su utilización, mientras que para los de barro, principalmente a partir de cuestiones que circundan su producción.

**Palabras clave:** Cachimbos, humo, fuerte, holandeses, manufatura brasileña.

### ABSTRACT

An Archaeological excavation in Forte Orange, Pernambuco, Brazil, a fortification build and used for military purposes, resulted in a large quantities of clay tobacco pipes. They can be divided in two basic types: imported kaolin clay pipes, and colored clay pipes, these, most probably made in Brazil. Both types are described and discussed here; kaolin clay pipes, mainly concerning their use, while the colored clay pipes, especially with regard to their production.

**Keywords:** Tobacco pipes, smoking, fortification, Dutch, Brazilian manufacture.

---

<sup>1</sup> Doutora em Arqueologia pelo Museu Nacional / UFRJ; Mestre em Antropologia pela UFMG. Contato: [sarah.hissa@gmail.com](mailto:sarah.hissa@gmail.com). ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1623-8737>.

## INTRODUÇÃO: O FORTE ORANGE DE ITAMARACÁ, PE

A capitania de Pernambuco alcançou grande importância econômica no início do século XVII pela produção de açúcar e pela presença de pau-brasil no litoral da ilha de Itamaracá (Barthel, 2007). A região, ao longo do século XVII, se tornou então próspera e abundante, com vários engenhos e atividades de extrativismo e agropastoris. Enquanto isso, a Holanda e a Espanha travavam um longo conflito, desde 1568 a 1648, pela independência das sete Províncias Unidas dos Países Baixos, e, com a União Ibérica (1580-1640), Portugal também se tornou oponente dos batavos.

Nesse contexto, apesar de que a presença holandesa no Recife e em Salvador remonta à década de 1590, apontada em documentos históricos, a primeira investida militar da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), após sua criação, foi à Bahia, em maio de 1624. Essa ocupação não foi duradoura, tendo sido a cidade retomada pelos portugueses já no início de 1625. Anos depois, em 1630, os holandeses invadiram a região de Pernambuco, por questões táticas e para controle do comércio, sobretudo do açúcar. Com a ocupação, considerando os vários produtos comercializados entre o Brasil e a Holanda, consta não somente o açúcar, mas também o pau-brasil, doces, couros, madeiras e, cumpre destacar, o tabaco (Sanches, 2004; Vainfas, 2014). Ambrósio Richshoffer (1978), soldado da WIC no Brasil entre os anos 1629-1632, na conquista holandesa do Nordeste, menciona as constantes remessas de açúcar e tabaco (em rolos), ainda durante os primeiros anos da conquista, para a Holanda. Um caso interessante foi que, quando da tomada de Olinda, os luso-brasileiros teriam danificado carregamentos de fumo e de açúcar, para que esses produtos não chegassem aos holandeses.

A presença holandesa na ilha de Itamaracá, ao norte de Olinda, data desde 1631, onde foi construído o forte Orange, erigido em alguns poucos meses<sup>2</sup>. Com o tempo, ampliaram-se as estruturas de defesa do forte com paliçadas e hornaveques. Ao final do ano de 1632, luso-brasileiros tentaram tomá-lo, mas não foram bem sucedidos, e o forte continuou sob domínio holandês. Em 1640, a estrutura foi usada também como prisão para frades carmelitas, são-bentenses e franciscanos, considerados contrários à expansão do calvinismo no Brasil (Nieuhof, 1951; Teixeira, 2007).

O arrolamento das forças no forte variava e incluía não somente soldados, mas também conhecedores de ofícios como cirurgião, farmacêutico e barbeiro. Sobre provisões em geral, é interessante a menção aos cachimbos e ao fumo em meio a outros víveres distribuídos pela WIC às tropas, quando do recrutamento na Europa (equipamento de viagem): “Os itens padrão distribuídos consistiam em colchão, cobertor e travesseiro, além de um baú com roupas, sapatos, conjunto de costura, tabaco, cachimbo e alguma aguardente” (Miranda, 2011:93). Miranda (2013) assinala a grande dificuldade na distribuição de alimentos para as tropas e no pagamento dos soldados. Esses recebiam pouquíssimo, muitas vezes incrementando sua renda com atividades paralelas, aprovadas ou não pela WIC. Como forma de complementar sua alimentação, além de caça, coleta e pesca, vários homens utilizavam-se de estratégias mais violentas ou drásticas, como roubo, assassinatos, pilhagens, captura de escravizados, comércio ou outras atividades ilegais frente aos contratos com a WIC e deserção. A WIC buscou conter os problemas de várias formas, para coibir ações violentas contra civis. Um registro de 1639, especialmente interessante, aponta para a instrução da ordem aos capitães dos fortes, no

---

<sup>2</sup> Ressalta-se que questões táticas e bélicas específicas estão propositalmente em segundo plano neste trabalho.

sentido de liberarem os soldados para trabalharem fora durante o dia, com a expressa contrapartida de dormirem nas fortificações, para que essas ficassem sob melhor vigilância.

Essa discussão é relevante, quando se considera o abastecimento das tropas por itens de consumo básico, como é o caso de alimentos e água, e demais itens de consumo<sup>3</sup>, como é o caso dos cachimbos e do tabaco. Embora tabaco e cachimbos fossem distribuídos às tropas quando do recrutamento, o diário de Richshoffer (1978 [1629-1632]) não menciona o suprimento de cachimbos sequer uma vez durante as investidas no Brasil. Em momento algum menciona tabaco ou cachimbos como objetos de uso cotidiano entre os soldados da conquista. É possível que esses itens, em momentos de guerra e escassez, tenham sido de fato considerados supérfluos para o consumo dos soldados, mas deveriam ser exportados para a Holanda, justificando os vastos investimentos da WIC. Não obstante, ressalta-se que, se isso de fato ocorreu no período da conquista, é improvável que tenha persistido durante a efetiva presença holandesa em Pernambuco, como atestam as imensas coleções arqueológicas, em especial aquelas das fortificações. Ademais, há registros já compilados na Holanda sobre carregamentos de cachimbos de caulim para a região de Pernambuco e Recife, como é o caso de um enviado em 1639, proveniente da cidade de Roterdã, e de importação de tabaco brasileiro por várias cidades neerlandesas (Oostveen, 2015).

A capitania de Itamaracá foi uma das últimas a ser reconquistada. O forte foi abandonado pelos holandeses somente em 1654, quando a presença deles no Brasil já era mínima, passando então a ser nomeado pelos portugueses e luso-brasileiros como Fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá. Segundo Barthel (2007), houve algumas reformas no forte em 1671, especificamente na Praça de Armas, quartéis e corpo da guarda. A autora sugere que, ao menos entre a tomada do forte pelos luso-brasileiros e essa data, o forte teria sido ocupado. Novas reformas ocorreram em 1676, 1677, 1680, 1696-1717, 1777, 1800 e 1817 (Barthel, 2007; Teixeira, 2007). Assim, especialmente depois da reconstrução intensa que sofreu em 1696, as estruturas que sobrevivem em superfície hoje são predominantemente portuguesas e não holandesas, como sugere a designação que permaneceu (Albuquerque, 2009). O forte foi tombado pelo IPHAN em 1938.

As escavações no forte Orange foram realizadas em 1971 e novamente em 2002, pelo Laboratório de Arqueologia do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a coordenação do Prof. Dr. Marcos Albuquerque (Albuquerque, 2007b; 2009; 2010a; 2010b). Assim, a coleção, quando foi analisada para este trabalho, já havia recebido tratamento prévio de limpeza e remontagem<sup>4</sup>. Tratava-se de uma coleção de mais de 2.000 fragmentos de cachimbos<sup>5</sup> de caulim e numerosos cachimbos de barro. Durante a curadoria, a equipe selecionou entre esse acervo, 357 cachimbos de caulim e 266 cachimbos de barro para compor uma *coleção de referência* ou *coleção tipo*. Como as grandes proporções das coleções completas de cachimbos do forte Orange significariam exceder o tempo que eu tinha disponível para análise (na ordem de milhares de fragmentos), optei por trabalhar somente com tais coleções-tipo.

Cada coleção de referência continha ao menos um exemplar (às vezes mais de um) de cada tipo. Esses tipos foram definidos a partir da decoração da peça e técnica de fabricação, no caso dos de barro. Para o caso dos de caulim, foram considerados a decoração, o tamanho de forninho, o ângulo entre forninho e haste, a marca

<sup>3</sup> Evidentemente não se precisa fumar para sobreviver. Contudo, deve-se manter em mente que o que se considera supérfluo ou desnecessário é, em algum grau, também subjetivo.

<sup>4</sup> Houve remontagem de apenas seis peças.

<sup>5</sup> Segundo Mello Neto (1977b), a palavra cachimbo é corruptela do termo petimbuaba. A primeira menção ao uso do cachimbo entre os indígenas brasileiros teria sido por RouloxBaro, entre os Janduí em 1651, e Jorge Marcgrave em 1648, entre os Tupi.

de fabricante, o diâmetro do furo da haste. Deste modo, a amostra não é aleatória, mas representa todos os tipos decorativos, todas as marcas de fabricante e todas as morfologias presentes no material exumado, nos exemplares mais bem preservados<sup>6</sup> do acervo total. Enquanto uma análise quantitativa de uma coleção arqueológica completa permite observar a frequência de cada tipo, a análise de uma coleção de referência permite um enfoque, principalmente, na variabilidade tipológica.

#### OS CACHIMBOS DE ARGILAS CAULINÍTIICAS: SÍMBOLO DO MARINHEIRO-SOLDADO BATAVO

A produção dos cachimbos de caulim na Europa iniciou-se muito rapidamente, tão logo foi introduzido o tabaco no Velho Mundo, no século XVI. Ela fez parte da transição entre a produção familiar e a fabril, tendo sido esses artefatos comercializados globalmente. Eram peças feitas em argilas, com pouco ou nenhum teor de ferro ou outro componente que comumente coloriza o barro. Alguns exemplares atingiram alto grau de sofisticação decorativa, a partir de moldes bastante intrincados, enquanto outros, bastante simples, não carregavam sequer a marca do fabricante.

Nesse contexto de difusão inicial da prática e do objeto, os marinheiros e soldados desempenharam um importante papel. Eles rapidamente adotaram o hábito, a partir do primeiro contato dos europeus com o tabaco e o fumo nas Américas. Durante o século XVI, foi intensamente consumido por esses grupos em Portugal, Espanha, França e Flandres, tornando cênica a prática e a disseminando. Em suas viagens, enquanto marinheiros portugueses o introduziram na África no século XVI, onde se difundiu rapidamente, ambos os castelhanos e lusitanos carregaram-no consigo para a Turquia, Índia, Filipinas e Japão até o final daquele século. O fumo, especialmente via cachimbo, tornou-se praticamente essencial e, portanto, alegórico, do marinheiro e do soldado.



*Figura 1: Soldados jogando em uma sala de armas.*

*David Teniers, 1641, óleo sobre tela, 61x94,5cm. Fonte: [www.alamy.pt](http://www.alamy.pt) soldados. Acesso em: 14/08/2018.*

<sup>6</sup> Por incluir os melhores exemplares, as coleções apresentam alguns fragmentos relativamente longos, mas nenhuma peça completa.

Em Pernambuco, mas também em outros estados do nordeste brasileiro, são enormes as coleções de cachimbos de caulim. Entre as ocorrências desse porte e natureza, ressaltam-se o forte Orange, Itamaracá, PE; a Fortaleza dos Reis Magos, Natal, RN; forte das Cinco Pontas, Recife, PE; forte de Santa Catarina do Cabedelo, PB; forte do Brum, PE; e o forte Real do Bom Jesus, Recife, PE; porto e Pontal do Suape; e Cabo de Santo Agostinho, PE. Cachimbos brancos também foram escavados no centro histórico de Recife, de Olinda, de Natale de Salvador. Também foi exumada uma coleção de cachimbos de caulim da Casa de Aposentadoria de Penedo, AL. Ulisses Pernambucano de Mello Neto estudou também a coleção proveniente do Galeão Sacramento (Mello Neto, 1977b, 1983; Albuquerque & Lucena, 1997; Medeiros, 2005; Albuquerque, 2006; 2007a; 2007b; 2009; Moreira, 2007; Allen *et al*, 2009; Najjar, 2010; Ferreira, 2013; 2014). Considerando esse panorama, nota-se que várias das coleções estão associadas às ocupações e investidas holandesas e configuram-se extremamente numerosas, por vezes, da ordem das centenas ou até milhares. A do forte Orange é uma delas.

Por ser uma coleção tipo e incluir os melhores exemplares, ela apresenta alguns fragmentos bastante longos, com treze fragmentos na faixa de oito a treze cm. Entre as 357 peças de cachimbos de caulim, 177<sup>7</sup> apresentam parte do fornildo ou o fornildo completo (o que é uma quantidade considerável, mas compreensível, visto que se trata de uma seleção de peças mais completas entre uma coleção bastante grande), 289 exemplares apresentam haste, 223 apresentam pedúnculo. Mesmo sendo composta pelos exemplares mais completos e menos erodidos, a coleção apresenta apenas duas peças inteiras, e, como um todo, está bastante fragmentada.

Os furos das hastes da coleção, com base no histograma de Harrington (1978), indicam o período de 1670-1710. No entanto, em primeiro lugar, lembra-se que essa amostra, apesar de numericamente representativa, é não aleatória, o que é contraindicado para uso do método<sup>8</sup>. Além disso, trata-se majoritariamente de cachimbos holandeses, o que, por sua vez, contamina o resultado de modo que o período indicado pelo histograma tende a ser posterior ao período correto da ocupação (Binford, 1978; Harrington, 1978; Hissa & Lima, 2017; Hissa, 2018). Parâmetros cronológicos mais confiáveis foram fornecidos pelas análises de morfológicas de fornildos, dos estilos decorativos e das marcas de fabricante, apresentados ao longo do texto.

A grande maioria dos pedúnculos é do tipo *achatado* (98%, 220 peças), com a presença de um fragmento do tipo *achatado quadrado*. Nenhum cachimbo com pedúnculo do tipo *pontudo* (que ocorre, por exemplo, em alguns cachimbos holandeses da primeira geração ou ingleses desde o início do século XVII) foi encontrado<sup>9</sup>.

Entre os 176 fornildos da coleção, todos são do tipo bicônico<sup>10</sup>. Nota-se que a coleção apresenta grande homogeneidade de tipos morfológicos, que indica similaridade de procedência e período de fabricação. Contudo é possível apontar algumas nuances na forma desses fornildos bicônicos, que seguem um aumento volumétrico com o passar dos anos do século XVII. Apesar dessas variações, a morfologia desses fornildos está circunscrita ao período entre 1610 e 1660.

<sup>7</sup> Esta grandeza não inclui somente fragmentos de fornildo, mas peças que contém fornildo (podendo portanto conter parte de haste ou de pedúnculo também).

<sup>8</sup> Por essa razão, a fórmula de Binford (1978), tal como as demais, não será aplicada.

<sup>9</sup> Essa distinção é mais relevante para cachimbos de procedência inglesa do que os de procedência holandesa.

<sup>10</sup> Com exceção do cachimbo em formato de garra, de fins do século XIX, provavelmente de produção francesa (ver Figura 1).

As peças com decoração moldada incluem os seguintes estilos gerais: flor na lateral do forninho; padrões marcando o centro de gravidade do cachimbo (localizados na haste); e o estilo barroco (que é em toda a peça). A flor moldada (rosa Tudor e flor de lis) na lateral do forninho, com e sem folhagens e/ou coroa, aparece em sete exemplares. Alguns deles apresentam serrilhado na borda do forninho, mas nenhum com marca alfabética ou iconográfica no pedúnculo. Foram identificados 24 tipos distintos de padrões moldados com motivos fitomorfos, florais e geométricos, incluindo a flor de lis, novamente marcando o centro de gravidade da peça.

Mais caros que esses eram os cachimbos barrocos<sup>11</sup>, com decoração moldada em toda a peça, que foram desenvolvidos na década de 1610, mas se tornaram de fato populares apenas após 1630. Foram identificadas 67 peças nesse estilo, em quantidades equiparáveis. O cachimbo barroco tipo 4, que alude ao personagem bíblico Jonas, foi muito popular na década de 1630, especialmente entre marinheiros e artesãos. Os exemplares do forte Orange apresentam qualidade variada, como se pode observar pelos cabelos do antropomorfo e demais detalhes. Entre as peças barrocas, foram identificadas cinco hastes com inscrições alfanuméricas<sup>12</sup>: “1613”; “1633 / E.F.”; “EVERT FRA? / ?O 1633”; “?ONAS/1633”; “ANNO 1632 / LIGHTIVS”. A inscrição “?ONAS/1633” remete ao primeiro período de produção dos cachimbos de Jonas, com a qualidade mais alta. A inscrição “EVERT FRA? / ?O 1633” e “1633 / E.F.” remetem ao fabricante Evert Franck, de Amsterdã, e à data de fabrico da peça. Por fim, havia três fragmentos de hastes beliscadas, portanto de feitura composta, com etapa de moldagem e de modelagem.

Apesar do apelo estético dos cachimbos de decoração moldada, em especial os barrocos, as decorações aplicadas na pasta fresca incisas, carimbadas e com o uso de carretilhas são majoritárias. Elas incluem o serrilhado na borda do forninho, a decoração bordada (que consiste de cartuchos losangulares carimbados nas hastes, frequentemente com flores de lis) e a decoração bandada. O serrilhado na borda do forninho aparece em 144 peças, das quais 126<sup>13</sup> não apresentam outra decoração adicional, sendo então relativamente mais baratas que outros tipos (Duco, 1987). Segundo Dallal (2016), o serrilhado na borda do forninho colocado de forma parcial pode indicar um produto de qualidade inferior, mas não há estudo aprofundado sobre o tópico. Isso é condizente com o disposto em Duco (1993), acerca da relação entre qualidade, preço e parco acabamento. Esse dado não foi compilado sistematicamente na coleção do forte Orange, mas a maioria dos forninhos apresenta serrilhados completos na borda e há alguns poucos incompletos. Há grande variedade de cachimbos bordados, exibindo flores de lis em cartuchos losangulares. Há também bordados associados a bandas anelares, produzidas em momento levemente posterior, sobretudo as serrilhadas. Há um fragmento inciso em zigue-zague, com serrilhado. Quatro carimbos iconográficos carimbados em hastes foram observados na coleção, associados a marcas de fabricante: fumante; coroa e espada (com inscrição alfabética associada “NA”); coração associado a espada (com inscrição alfabética associada “DC”); e águia bicéfala (brasão da cidade de Groningem, marca que também foi produzida em Gouda). Nota-se que não há inscrições de fabricante em forninhos, as quais ocorrem em cachimbos ingleses do século XVII.

---

<sup>11</sup> Há uma classe de cachimbos barrocos mais baratos, com decoração menos intrincada (tipo 2).

<sup>12</sup> O símbolo “/” indica o reverso da haste e ‘?’ aponta continuidade ilegível de palavra ou fragmento cuja inscrição está interrompida pela quebra da peça.

<sup>13</sup> Entre essas, 118 apresentam marca de fabricante carimbada no pedúnculo.



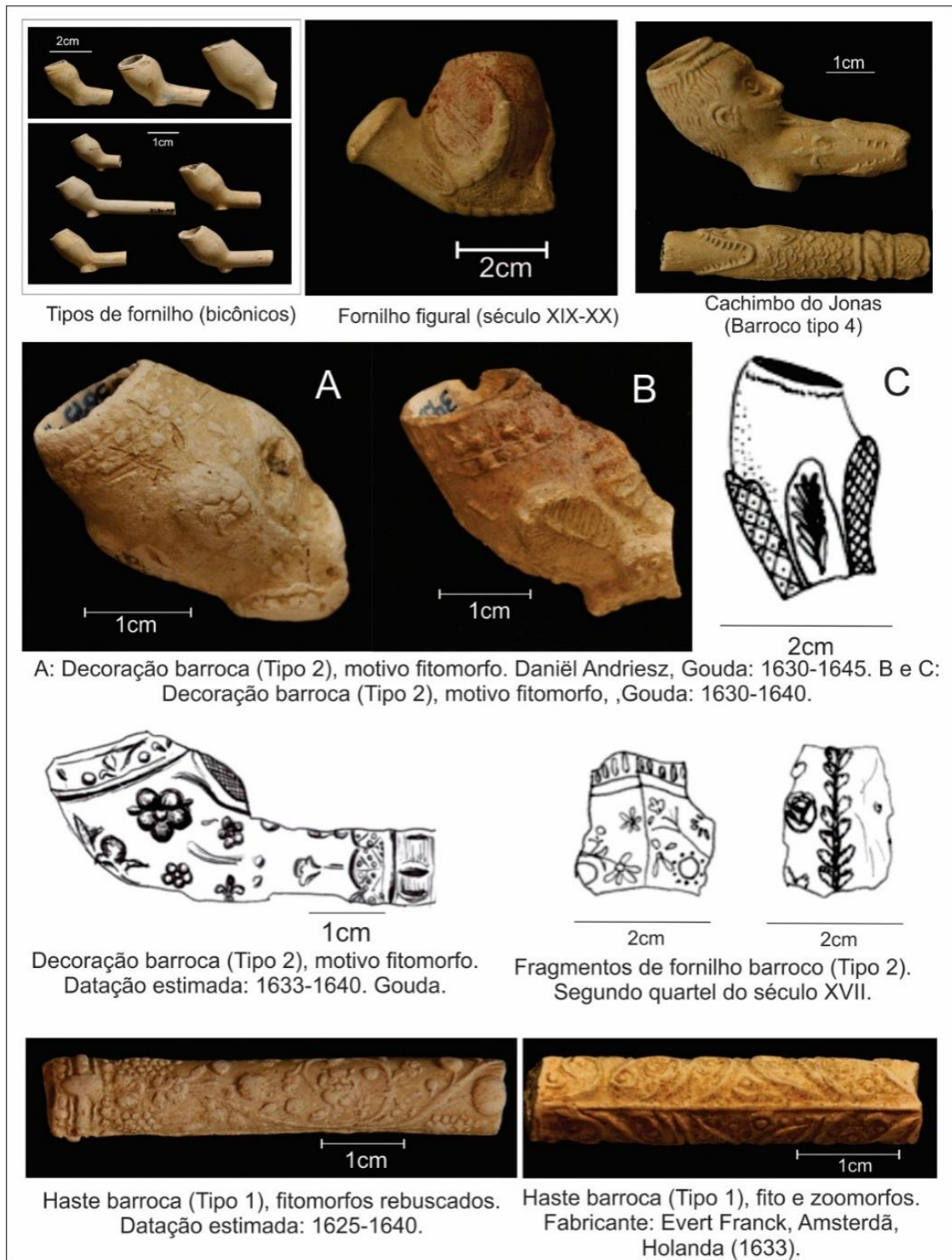


Figura 2: Cachimbos de caulim, forte Orange, Itamaracá, PE. Formas de forninhos e decorações moldadas. Fotos e desenhos da autora.

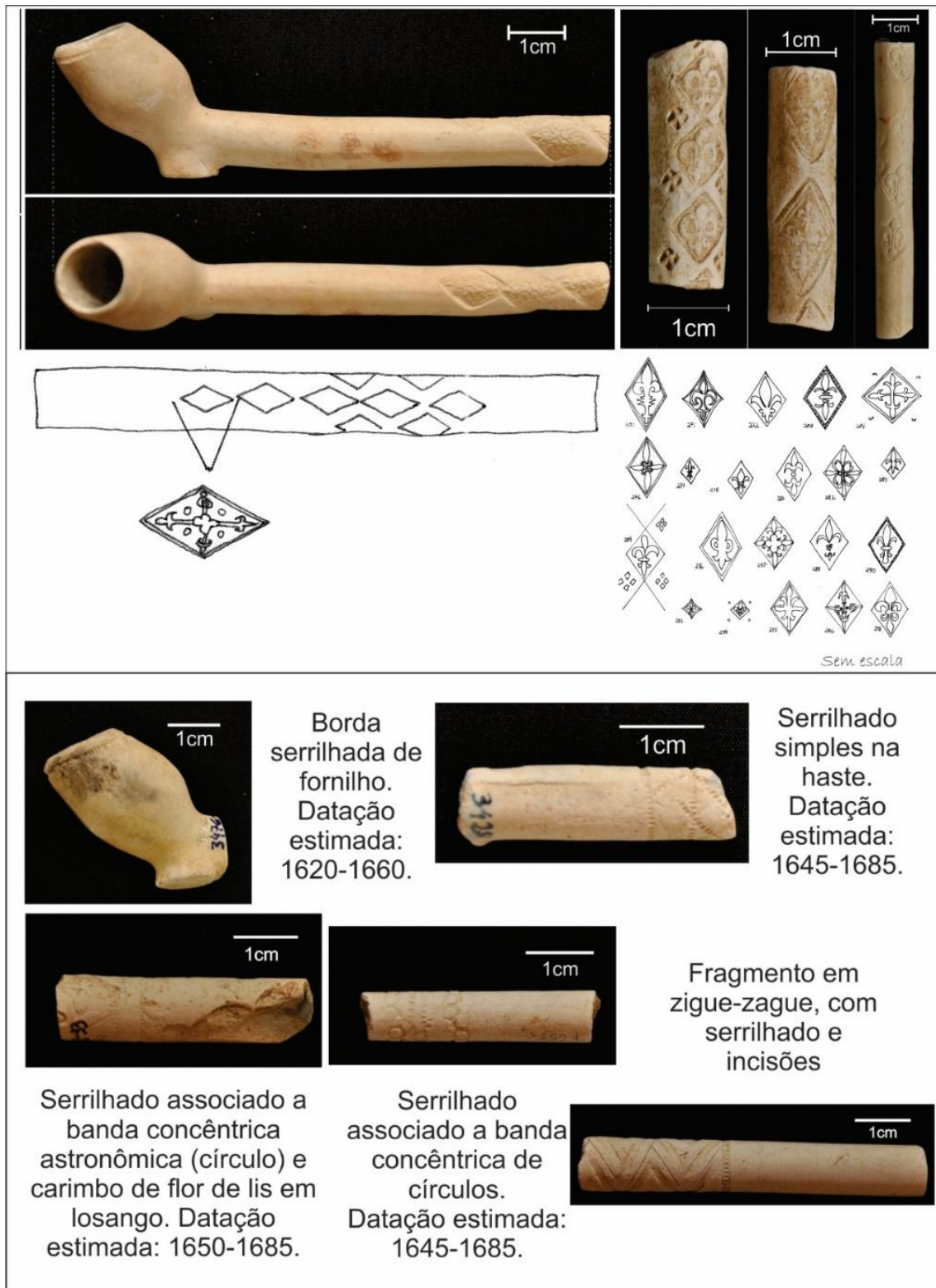


Figura 3: Cachimbos de caulim, forte Orange, Itamaracá, PE. Decoração incisa. Fotos e desenhos da autora.

Assim, como as poucas inscrições alfabéticas e numéricas em hastes já foram todas apresentadas, tanto as moldadas (cinco peças) quanto as carimbadas (cinco peças), resta-nos apresentar as localizadas em pedúnculos. De fato, no século XVII, as marcas de fabricante geralmente eram aplicadas nos pedúnculos, em cachimbos holandeses e ingleses. A coleção tipo apresenta 194 pedúnculos carimbados, com algumas poucas marcas

repetidas, incluindo: inscrições iconográficas<sup>14</sup> (85 peças, sendo que em duas não se identificou o motivo); alfabéticas (37 peças, sendo que em um fragmento a marca estava ilegível); alfabéticas com elementos iconográficos associados (40 peças); e alfabéticas com elementos adicionais mínimos (coroa, estrela ou pontos) (32 peças). Entre elas, foi possível identificar o intervalo de produção e a procedência específica (cidade e por vezes o produtor) de 51 marcas de fabricante<sup>15</sup>, todas holandesas, sendo 33% de fabricantes da cidade de Amsterdã e 34% de Gouda. Nota-se que essas foram as cidades produtoras holandesas mais proeminentes da primeira metade do século XVII (Oostveen, 1996).

Como já foi dito, a datação do sítio pela dimensão do furo da haste indica o período entre 1670-1710, o que é um resultado impreciso e posterior ao correto, pela presença de cachimbos holandeses. Ao contrário, essa seção apresentou que há uma concentração de formas e de tipos decorativos característicos da primeira metade do XVII. Estão presentes hastes moldadas com fitomorfos, forninhos com flor moldada na lateral, os padrões decorativos barrocos, as hastes bordadas (com flor de lis em janelas losangulares e outros padrões) e hastes bandadas com serrilhados e outros padrões. Ressalta-se que esses tipos decorativos presentes na coleção apresentam cronologia compatível com o período de ocupação holandesa, sendo que nenhum tipo decorativo identificado apresenta, para o início da sua produção, uma data *terminus post quem*, ou seja, posterior a 1654. Da mesma forma, os tipos gerais de marcas de fabricante, bem como as marcas de fabricante específicas identificadas, apresentaram-se circunscritos total ou parcialmente ao período de ocupação holandesa. A data inicial do intervalo de produção mais avançada coleção é de 1650 (funcionando como uma data *terminus ante quem*). O gráfico a seguir (Figura 4-Intervalo Cronológico) apresenta o intervalo de produção das marcas e dos tipos decorativos identificados. Apesar de tratar-se de uma coleção tipo, a sobreposição dos intervalos de produção das marcas e decorações sugerem uma maior concentração e uso mais intenso de cachimbos de caulim (todos holandeses) no sítio especialmente entre as décadas de 1630 e 1640.

Outra questão observada, ainda que de forma embrionária, uma vez que se trata de um estudo baseado em coleção tipo, foi a distribuição horizontal dos vestígios. Apesar da dificuldade em se distinguir estratigrafia no sítio revolvido (Albuquerque, 2009; Curado, 2010), foram identificadas áreas horizontais, associadas aos quartéis holandeses, conforme planta. Para observar a presença de algum padrão considerando a orientação horizontal, cada fragmento de cachimbo de caulim da coleção de referência<sup>16</sup> (amostra de c. 20% do total de cachimbos de caulim exumados do sítio) foi plotado na planta do sítio, elaborada pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE (Figura 4A e 4B desse artigo). Nota-se que parece haver uma concentração de cachimbos de caulim da coleção tipo nas áreas de uso holandês (quartéis holandeses, marcados em laranja na Figura 4A e 4B). Deve-se advertir que essas áreas foram sobrepostas posteriormente pela praça de armas portuguesa, após a desocupação batava. Contudo observou-se que as áreas dos quartéis luso-brasileiros (conforme planta do forte de 1763, reproduzida em Barthel, 2007:119, ilustrada em verde na Figura 4A e 4B) não apresentaram tais

<sup>14</sup> Apesar de provavelmente terem desempenhado função decorativa e terem apelo estético, carimbos iconográficos no pedúnculo são comumente descritos como marcas de fabricante, pelo seu potencial informativo relativo à datação e procedência.

<sup>15</sup> Quando não foi possível datar marcas por reconhecimento do exemplar específico, sua cronologia foi estimada pelo seu tipo, segundo elementos estilísticos (Bradley e DeAngelo, 1981; Dallal, 2016; Duco, 1987; e vários catálogos produzidos por Jan Van Oostveen, oferecidos em <<www.academia.edu>>, acesso em 08/06/2018).

<sup>16</sup> Barthel (2007) apontou que havia concentrações de vestígios similares de uma mesma atividade em alguns espaços escavados, como na área destinada à alimentação dos luso-brasileiros (D12) e algumas outras (D4, D5, D6), sugerindo algum grau de preservação da horizontalidade do sítio.

concentrações<sup>17</sup>. Isso sugere, tal como o intervalo da datação dos cachimbos encontrados, que, apesar do uso de cachimbos holandeses em Portugal, notadamente nos centros urbanos como Lisboa e Porto e, sobretudo, datados do XVII ao XIX (Calado *et al.*, 2003; Pereira, 2003; Cardoso, 2008; Pimenta *et al.*, 2008; Pinto *et al.*, 2011; Gomes, 2012; Bargão & Ferreira, 2013; Calado *et al.*, 2013), os luso-brasileiros, no forte de Santa Cruz, optaram por outras formas do consumo do tabaco. Será proveitoso aferir se essas supostas concentrações resistem à análise da coleção completa.

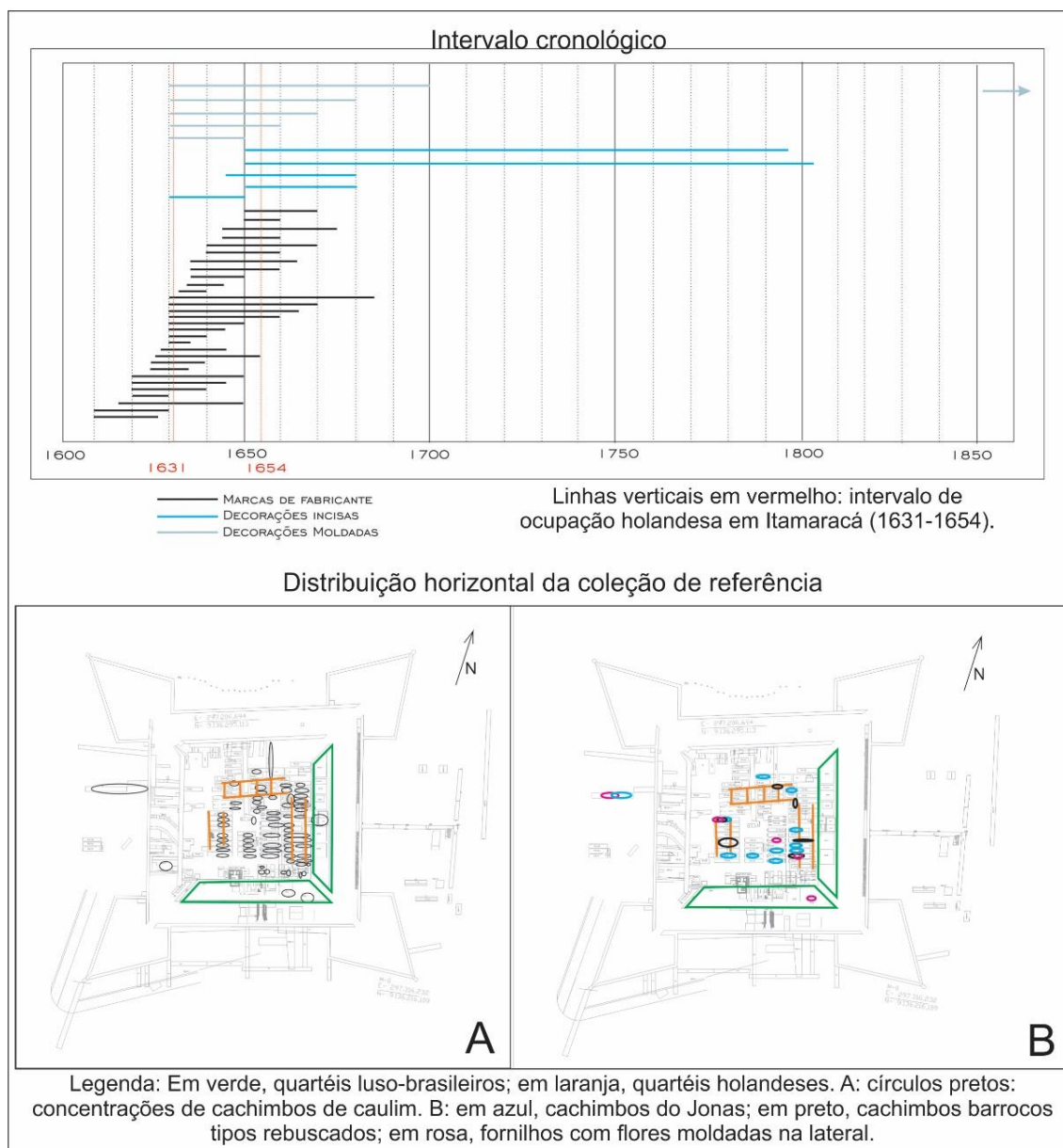


Figura 4: Cachimbos de caulim, forte Orange, Itamaracá, PE.

Acima, intervalo cronológico indicado pela análise das decorações e marcas de fabricante.

Abaixo, plantas do forte Orange, de autoria do Laboratório de Arqueologia da UFPE, com adaptações minhas, ilustrando algo da distribuição horizontal da coleção de referência (A e B).

<sup>17</sup> Ressalta-se que algumas quadras não se encontravam na planta elaborada pelo Laboratório, a saber: B2, EB2a, PAs 1, 3, 5, 9, 13, 20, 21, 29, 43, 113, 139, R1-1, TP1 a 4.

Ainda, de acordo com a análise da coleção, há uma grande variação de tipos decorativos, dos mais caros aos mais baratos, tal como vários exemplares apresentando indícios de arremates de boa e de má qualidade. Essas diferenças podem estar relacionadas às várias patentes militares, praças e oficiais, especialmente quando se considera as rígidas hierarquias militares, expressas na cultura material e no espaço construído. Na coleção de referência, observou-se que enquanto os cachimbos de caulim como um todo foram encontrados em várias quadras dispersas no terreno, um possível padrão aparece, referente ao tipo e qualidade/preço. Essa questão também deverá ser estudada em maior profundidade frente à coleção completa, valendo-se, se possível, de comparações com diferentes sítios militares, com contingentes distintos, antes que conclusões finais possam ser tiradas. Contudo já se adianta que os barrocos mais rebuscados (em preto na Figura 4B) parecem estar preferencialmente localizados em quadras correspondentes aos quartéis holandeses e os com flor de pontos moldados na lateral do forninho, mais baratos, no pátio (em rosa). Os cachimbos identificados em azul na Figura 4B são os cachimbos do Jonas que também aparecem dispersos.

Se assim for também com o restante da coleção, interessa lembrar o valor do cachimbo do Jonas para as categorias do marinheiro e do soldado. Esse cachimbo<sup>18</sup> é comumente referenciado como cachimbo do Jonas devido à história bíblica entre o profeta e a baleia (ou serpente). Em descrições menos frequentes, relaciona-se o antropomorfo à lenda de Sir Walter Raleigh, personalidade que representa principalmente para os ingleses a introdução do tabaco na Europa, sendo engolido e depois cuspidor por um crocodilo devido à quantidade de tabaco no seu corpo. Segundo Gary (2007), foi produzido inicialmente na Inglaterra, até ser proibido. A partir daí é comumente atribuído à origem holandesa. Oostveen (1996) observou que os cachimbos do Jonas apareciam nas escavações dos bairros mais pobres de Amsterdã, mas não nos mais abastados, apontando sua adoção pelas categorias socioeconômicas desfavorecidas. Foi muito adotado por marinheiros e soldados como símbolo especialmente entre 1630-1680. Apesar de ter sido adotado principalmente por classes mais pobres, esses primeiros produtos são de boa qualidade e costumam apresentar marca de fabricante no pedúnculo. A partir da década de 1640, o cachimbo do Jonas se populariza e gradualmente perde em qualidade. Após a década de 1650, a maioria deles vem de Gouda, com algumas alterações estéticas (o rosto passa a seguir mais a forma do forninho) e, a partir da década de 1680, o modelo diminui drasticamente em importância. Os Jonas encontrados no forte Orange poderão ter sido particularmente utilizados pelas baixas patentes que serviam naquele posto, mas, como dito anteriormente, isso deverá ser observado frente à coleção completa.

De todo modo, a identificação de tipos decorativos e de marcas de fabricante indica fortemente que os cachimbos de caulim identificados no forte Orange são compatíveis com o período da ocupação holandesa do sítio. Além disso, foi identificada uma grande predominância da procedência holandesa desses produtos. Neste sentido, a coleção apresenta grande similaridade com as coleções identificadas por Mello Neto (1977a; 1977b; 1983) e ao material escavado por Anne-Marie Pessis e Gabriela Martin na zona portuária da ilha do Recife para o sítio Baluarte Porta da Terra, apresentado em Medeiros (2005).

---

<sup>18</sup> Há referências de cachimbos de Jonas fabricado em Amsterdã, em Gouda, Roterdã e em Gröninger, na Holanda, mas também raras menções à sua produção na Dinamarca e na Alemanha. Segundo Duco (1980), na produção de Gouda, o Jonas era feito por moldes de 4 partes, uma técnica que requeria habilidade, com as duas principais formando o corpo da peça, uma terceira parte para o rosto e a última parte para as costas da barba. O chapéu era feito por um anel acoplado às duas partes principais do molde. Quase sempre apresenta marca carimbada em pedúnculo. O acabamento de cabelo, sobrancelhas, bigode, olhos, nariz e boca indicam um produto de mais alta qualidade. A decoração também pode aparecer somente no pedúnculo, como uma simples baleia. Os modelos mais antigos carregam a inscrição "IONAS ANNO 1632", feitos em Hoorn, por vezes com um esmalte de chumbo verde, amarelado ou castanho.

É recorrente ressaltar uma obstinação batava na manutenção de seus costumes (Silva, 2004; Holanda, 2014). Pierre Murreau, em 1651, afirma sobre os portugueses que “todo o país que possuem é muito bem povoado, com gente de guerra numerosa, sabem subsistir e vivem do que a terra produz com abundância, dispensam facilmente as produções da Europa, coisa impossível aos holandeses (...)” (Abreu, 1988:139). Em outras palavras, “o que faltava em plasticidade aos holandeses sobrava-lhes, sem dúvida, em espírito de empreendimento metódico e coordenado, em capacidade de trabalho e em coesão social” (Holanda, 2014:74).

Pode parecer uma simples obviedade incontrovertida a ocorrência de cachimbos holandeses circunscrita à ocupação neerlandesa do forte. A interrupção de cachimbos holandeses após a segunda metade do XVII poderia ser bem explicada meramente pela retirada dos batavos naquele momento e a transição de uma cultura material por outra. Contudo três circunstâncias tornam a questão mais interessante que isso. Em primeiro lugar, os portugueses utilizavam cachimbos holandeses em Portugal no mesmo período, sobretudo nos importantes centros urbanos de Lisboa e Porto. Em segundo, há peças holandesas em faiança no forte, embora em pequeno número, cuja produção é posterior à retomada do forte pelos portugueses (ou luso-brasileiros). Nota-se também que, além de faianças holandesas, há faianças portuguesas cujas datas de fabricação são anteriores ao período holandês do forte, outras posteriores, e algumas que também se sobrepõem parcialmente àquele intervalo (Curado, 2010). Em terceiro lugar, após a retirada dos batavos, Portugal pagou uma indenização à Holanda pelo montante empregado no Brasil (Tratado de Haia de 1661) e assinou acordos com essa nação concedendo-lhe alguns privilégios comerciais como os de 1641, 1661 e 1669. Isso ilustra que alguma relação comercial ainda existia entre lusitanos e batavos no Brasil (Ricupero, 2017).

Assim, a retirada batava não explica, isoladamente, a ausência de cachimbos holandeses posteriores à primeira metade do século XVII na ocupação portuguesa e luso-brasileira do sítio. Nesse sentido, pergunta-se: *Porque há louças holandesas posteriores à retomada luso-brasileira do forte, mas não cachimbos holandeses? Porque os luso-brasileiros não os adotaram no forte, tal como os portugueses de Lisboa e do Porto?* Para buscar responder essas questões, volta-se então à natureza do sítio e ao significado da prática de fumar.

A relação do fumo com marinheiros e soldados na Europa é notória e emblemática. Recai sobre essas categorias a propagação do tabaco e do fumo em cachimbos. O forte Orange é um ambiente militar e, em alguma medida, naval, no que seus habitantes também eram homens do mar. Como supracitado, tabaco e cachimbo eram entregues às tropas da WIC na Europa juntos a itens de consumo básico, como roupas e colchões. Possivelmente, esses itens foram considerados supérfluos durante batalhas, cerco e escassez, quando nem mesmo a alimentação era de acesso fácil. Entretanto, durante a presença duradoura holandesa, esses itens eram fartamente consumidos, como atesta a densidade da coleção arqueológica de cachimbos datados daquele período e as menções históricas a exportações holandesas de cachimbos de caulim para Pernambuco. Isso se aplica não somente ao forte Orange, mas a vários outros sítios de ocupação neerlandesa do século XVII naquela região. Nesse contexto, o cachimbo do Jonas é alegórico, figurando uma preferência marcada entre marinheiros holandeses daquele tempo (Duco, 1993; Oostveen, 1996). É nesse sentido que objetos de mesa, possivelmente menos relevantes na ostentação daqueles nacionalismos, foram utilizados independentemente da sua nacionalidade de fabrico: faianças holandesas usadas pelos luso-brasileiros após a reconquista, tal como faianças portuguesas pelos holandeses.

Dada a importância do fumo para as categorias militares e navais no ambiente belicoso e de fortes nacionalismos do forte Orange, a importância simbólica no uso de tais objetos é patente. Os holandeses, rígidos como foram em preservar seus hábitos e costumes no Brasil, teriam encontrado algo de si e da sua identidade

naval-militar nos seus cachimbos extremamente rebuscados e refinados. De forma análoga, os militares luso-brasileiros residentes no forte após a retirada batava, também soldados e marinheiros por excelência, abstiveram-se de utilizar o cachimbo holandês. Não simplesmente por terem sido produzidos na Holanda, mas pelo teor simbólico e identitário que tinham para aquelas categorias sociais e pelo contexto de conflito daquele lugar específico, belicosidade tal que nos centros urbanos portugueses não necessariamente carregavam o mesmo peso. Assim, no forte, espaço de insígnias pátrias, talvez a dicotomia entre portugueses e holandeses tenha de fato prevalecido não somente na sobreposição das estruturas da fortaleza de Santa Cruz sobre as do forte Orange, mas também no uso e consumo de cachimbos.

Neste momento, torna-se importante ressaltar que os cachimbos brancos não foram os únicos encontrados no forte Orange. Há uma coleção diversa e numerosa de cachimbos de argilas colorizadas, queimadas a baixas temperaturas. Pelas questões stratigráficas do sítio já apontadas, não foi possível atribuí-los à ocupação holandesa, à ocupação de luso-brasileiros posterior à retirada batava ou a ambas. Assim, resta em aberto se esse cachimbo era ou não utilizado concomitantemente ao cachimbo branco durante a primeira metade do século XVII.

#### OS CACHIMBOS DE BARRO DO FORTE ORANGE: APRESENTAÇÃO DESCRITIVA E INCIPIENTE<sup>19</sup>

Os cachimbos de barro do forte Orange configuram uma coleção também bastante extensa, evidenciando o forte como um espaço de intenso fumo. Da mesma forma que fiz com os cachimbos de caulim, trabalhei somente com a coleção de referência dos de barro, que havia sido separada previamente pelo Laboratório de Arqueologia da UFPE. No entanto, dediquei muito menos tempo a essa. Naquele momento, não foi possível coletar, de forma sistemática, dados acerca da queima da pasta, do antiplástico utilizado ou da distribuição horizontal dos tipos identificados, o que teria sido particularmente proveitoso para essa categoria material. Foram então observados 266 fragmentos de cachimbos de barro de acordo com quatro critérios principais, para uma classificação tentativa: *forma; técnica de fabricação; técnica de decoração e motivo da decoração*. Alguns deles serão apresentados aqui e de forma sucinta.

Tendo em vista esses atributos, observou-se duas formas gerais de cachimbos, ambas angulares, cada uma contendo muitas variações estilísticas. A primeira forma básica apresenta haste longa (alguns exemplares podem ser vistos nas Figuras 7 e 8). A segunda forma apresenta haste curta e necessita piteira de encaixe para o seu uso (como peças da Figura 5, as da Figura 6 e a 7A). A haste aqui dita como curta foi também descrita como porta-boquilha (Agostini, 1998).

Em razão das dificuldades stratigráficas já mencionadas, a escavação arqueológica não amparou a definição da cronologia dos cachimbos de barro. Contudo, a julgar pela evolução da forma geral dos cachimbos na Europa, que vai das hastes longas na direção dos cachimbos curtos para inserção de piteira (Hissa, 2018), é possível que o mesmo possa ter ocorrido com os de barro, sugerindo que os longos remeteriam ao século XVII e XVIII, enquanto os curtos, ao XIX. Ao encontro dessa hipótese, está o fato de que nenhum dos cachimbos

<sup>19</sup> Apresenta-se aqui apenas alguns exemplos desses cachimbos, lembrando que essa não se trata de uma listagem exaustiva, mas procura dar conta dos tipos aqui construídos a partir desses elementos anteriormente descritos acerca da técnica de fabricação, da forma e da decoração.

de haste longa foi feitos por molde. Evidentemente serão necessárias novas pesquisas para comprovar essa proposição meramente especulativa.

Foram identificadas duas técnicas gerais de manufatura: moldagem e modelagem. Entre as peças moldadas, foi identificado apenas o uso de molde de duas partes, que, por vezes, deixa linhas longitudinais, remetendo à costura entre as duas laterais do cachimbo, nessa coleção identificadas somente nos cachimbos curtos. A seguir, a Figura 5A representa um rascunho esquemático de possível molde de duas partes longitudinais, a Figura 5B, algumas marcas das costuras dos moldes, e as peças da Figura 5C-E, o corpo de outras peças moldadas. As peças na Figura 5F-H não exibiam marcas evidentes de molde e fazem parte de um grupo de cachimbos, cuja técnica de fabrico não é evidente. Sua decoração, no entanto, apresenta traços de entalhe manual, incisos ou excisos, esculpindo linhas sinuosas e formas volumosas, a partir de talhes de profundidades diferentes.

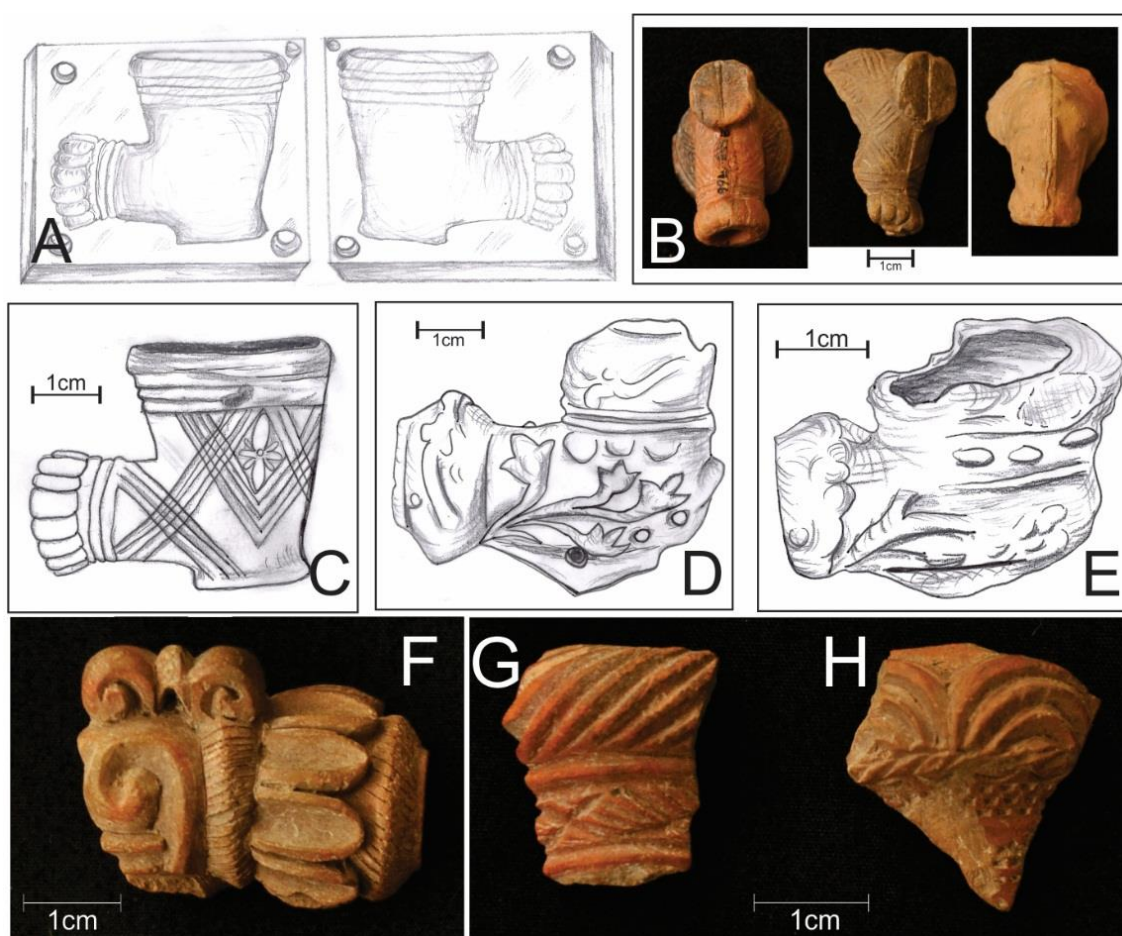


Figura 5: Cachimbos de barro do forte Orange, Itamaracá, PE. Técnicas de fabricação e tipos de decoração.  
Fotos e desenhos da autora.

Roger Bastide fala do barroco como não somente uma forma de arte, mas como um estilo de vida que toma posse do corpo humano e atinge as almas, subjetividades e sentimentos (Roger Bastide apud Peixoto, 2015). Considerando os cachimbos holandeses ditos barrocos (Duco, 1987; Hissa, 2018) e os barrocos de Minas descritos por Brancante (1981), buscou-se alguma expressão desse estilo artístico nos exemplares do forte. O elemento descrito por Brancante (1981) como besantes em relevo, cordames manuelinos ou perolados



não foram observados nessa coleção. Porém foram notados alguns elementos caracteristicamente barrocos. As peças moldadas representadas nas Figuras 5D e 5E apresentam alguns fitomorfos e florais com elementos adicionais que sugerem o barroco. Volta-se a atenção novamente às Figuras 5F e a 5G, pelas volutas, formas curvilíneas e desníveis de relevo, facilmente associáveis ao jogo barroco de luz e sombra, sugestão de movimento e densidade de detalhes. Possivelmente, tratam-se de expressões regionais de um mesmo estilo amplo que encontrou espaço em vários países e continentes. Seriam expressões do espetáculo barroco na esfera do ordinário. Entretanto estão muito distintas do que Duco (1987) observou nos cachimbos holandeses então ditos barrocos, com seus minúsculos elementos decorativos emaranhados, em contornos mais fitomorfos que geométricos, ou dos cordames manuelinos descritos por Brancante (1981). Resta saber também onde teriam sido produzidos, para discutir questões de identidades e expressões regionais artísticas.

Entre as modeladas, aventam-se quatro possibilidades relativas ao fabrico, propostas a partir da observação do material a olho nu. Em primeiro, imagina-se que algumas delas provavelmente foram feitas a partir de modelagem manual e sem uso de ferramentas adicionais com a pasta fresca devido a uma irregularidade geral da peça. Num segundo grupo (ver Figura 6A-E), observou-se marcas de corte grosseiras e evidentes no corpo da peça, em alguns casos no vão do forninho e, em outros, na haste. Nesses casos, imagina-se a confecção de uma pré-forma que, após uma secagem inicial (e antes que essa atingisse o ponto de couro), teria sido entalhada com ferramenta do tipo espátula, até atingir uma aproximação adequada à forma desejada e então alisada e/ou decorada (para esboço, ver Figura 6K). Um terceiro elemento observado foi que algumas peças aparentam uma quebra diagonal particular, sugerindo ponto de fragilidade no fabrico e a forma da sua feitura. Possivelmente tratava-se de feitura em duas partes modeladas, posteriormente acopladas (Figura 6I). Por fim, um detalhe importante no quesito forma é a presença ou não de barbela e de orifício barbelar. Em alguns casos, a barbela parece ter sido um aplique inserido no corpo da peça antes da decoração em carretilha (Figura 6F) e, em outros, depois (Figura 6G). Em outros casos, a barbela parece ter sido parte da pré-forma do corpo do cachimbo, apenas esculpida após uma secagem inicial (Figura 6B). A Figura 6J bosqueja a possibilidade de feitura modelada em três partes posteriormente acopladas.

Para elucidar a questão do fabrico – importante para uma série de outras subsequentes, tais como definição do gestual e do ferramental empregado ou grau de padronização e regionalização de técnicas utilizadas – e confirmar ou refutar as possibilidades aqui sugeridas, poderá ser informativo observar tais peças sob raios-X.

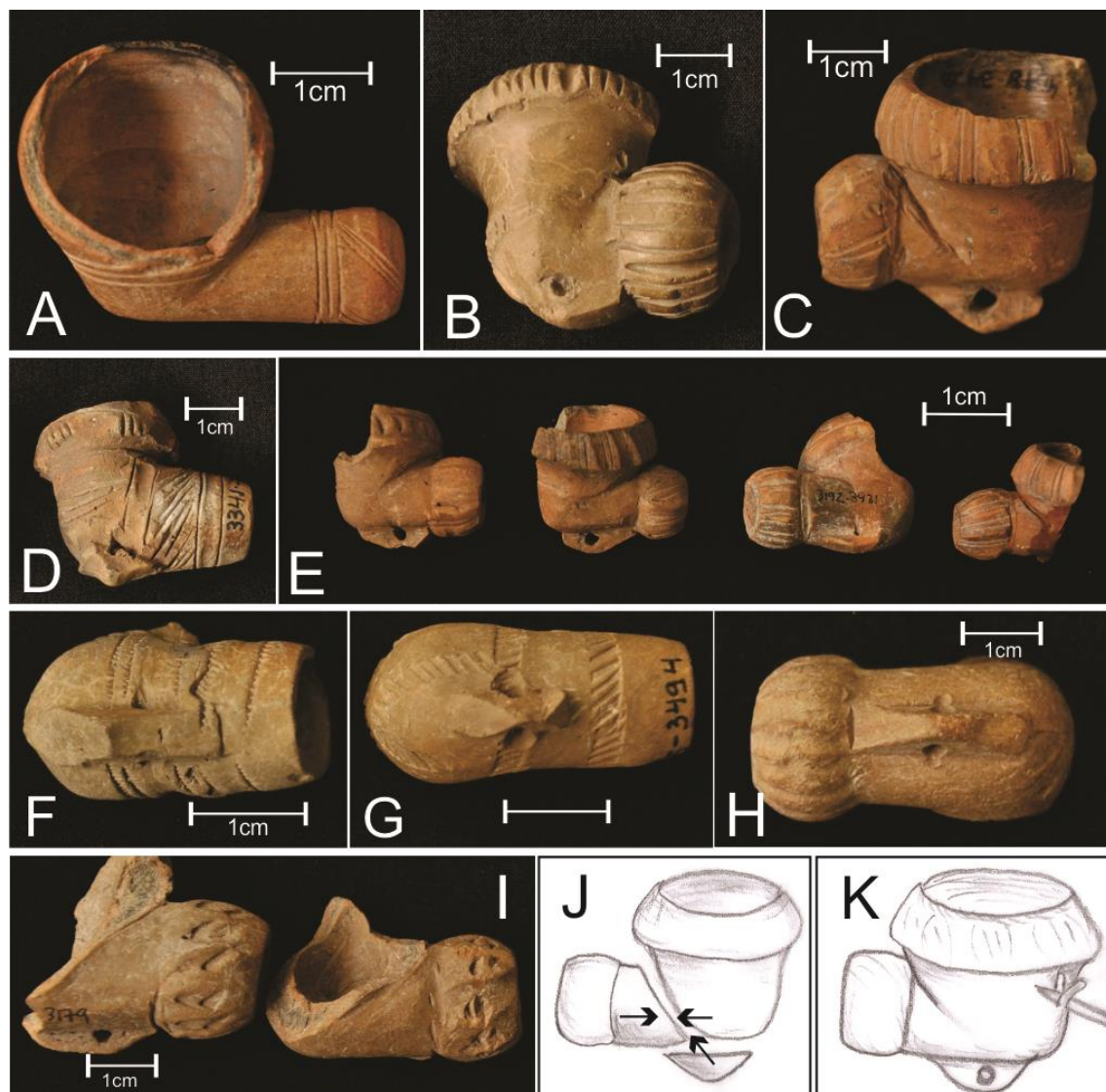


Figura 6: Cachimbos de barro, forte Orange, Itamaracá, PE. Técnicas de fabricação e tipos de decoração. Fotos e desenhos da autora.

No que tange à decoração das peças modeladas, foram observados alguns fragmentos lisos, sem decoração aplicada sobre a superfície. É evidente que esses fragmentos ou poderão ter sido parte de peças decoradas, ou que sua forma, cor da cerâmica e tratamento de superfície (polimentos etc.) tenham apresentado valor estético.

De todo modo, nas outras peças há grande quantidade de motivos em distintas técnicas de aplicação. Os motivos foram aplicados na peça já pelo molde que dá a forma ao cachimbo (ver novamente Figuras 5A até 5E) ou os elementos decorativos foram inseridos no cachimbo por excisão, incisão, ponteado, uso de carretilhas e carimbos. Em alguns casos (como, por exemplo, Figura 8D), ficou evidente a utilização de mais de uma ferramenta de incisão ou excisão, o que tem implicações no grau de complexidade e laboração do artesanato. Em geral, os cachimbos longos da Figura 7 (que então excetua a 7A) apresentam bom e visível polimento e alisamento, que resultam em estrias visíveis e peças lustrosas (para exemplo, ver Figura 7B). Foi mais raro o polimento entre os cachimbos curtos.

Em algumas peças associadas às decorações incisadas e à feitura modelada, notou-se uma diferença clara entre grossas e finas. As aqui ditas grossas exibem motivos geométricos, com talhos mais profundos,

denotando, de modo geral, uso de maior força e possivelmente movimentos mais rápidos, com resultados mais visíveis à distância (Figura 7).

As aqui ditas finas (Figura 8, B, C, E-K) apresentam motivos mais variados, incluindo geométricos, florais e outros. Sua feitura é extremamente delicada, em riscos leves, que sugerem movimentos suaves e lentos, cuja leitura requer aproximação visual com o objeto. Os desenhos são particularizados de tal forma, que o artesanato resultante é produto altamente singular.

Como exercício interpretativo, buscou-se alguma proximidade entre os motivos expressos nos cachimbos brancos e nos de barro, visando investigar possíveis influências de cachimbos importados na produção local. Algumas similaridades nos padrões florais chamaram atenção. Há alguma semelhança entre as flores de lis aplicadas em hastes do tipo bordado holandês (ver Figura 3) e as flores da decoração incisa em traços finos, algumas também em cartuchos losangulares (ver Figura 8 H, I, J, K), sendo que ambas categorias apresentam variação numerosa desse padrão floral. *As flores de lis, tão recorrentes nos cachimbos holandeses do século XVII, poderiam ter sido fontes de inspiração para uma suposta produção local dessa decoração incisa, de alto apelo estético? Essa inspiração nos cachimbos holandeses poderia ter tomado proporções regionais, nesse caso, a partir de uma estética nordestina ou pernambucana? Por outro lado, porque cachimbos com decoração tão intrincada, elaborada e suave fazem parte do conjunto artefactual de um ambiente militar? Poderiam ter sido feitos pelos próprios soldados rasos luso-brasileiros? Se não foram feitas por eles, foram usadas por eles? Teriam os soldados almas tão artísticas, apesar de belicosos e talvez embrutecidos? Ou será que outra categoria social os produziu, talvez em outro local, e aqueles que os utilizava em suas fumigações no forte eram ainda outras pessoas?*

BRANCOS, CASTANHOS E VERMELHOS:  
CACHIMBOS ARQUEOLÓGICOS DE CERÂMICA NO FORTE ORANGE

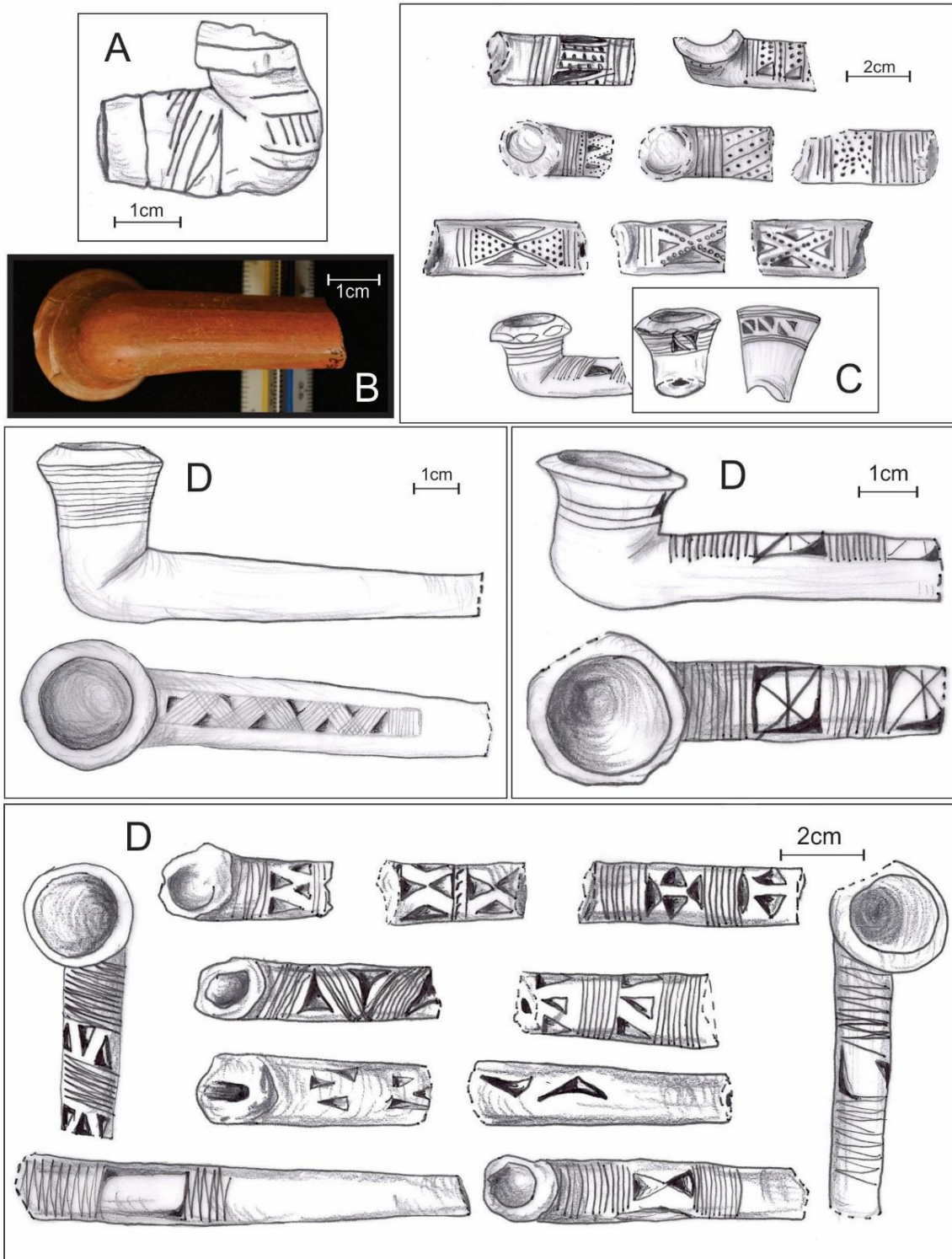
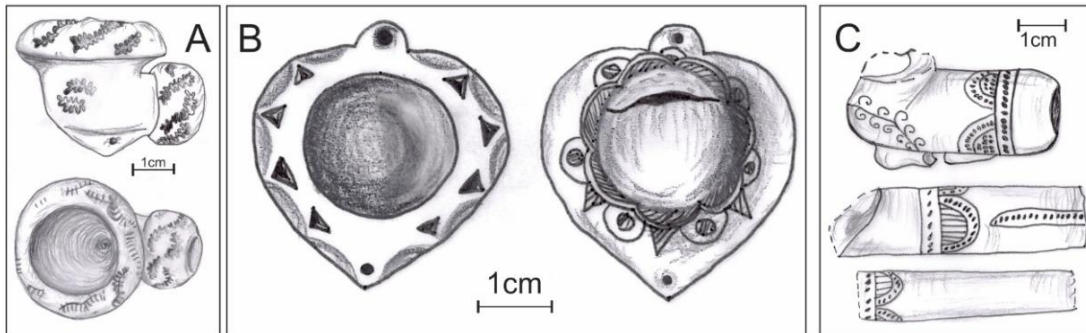
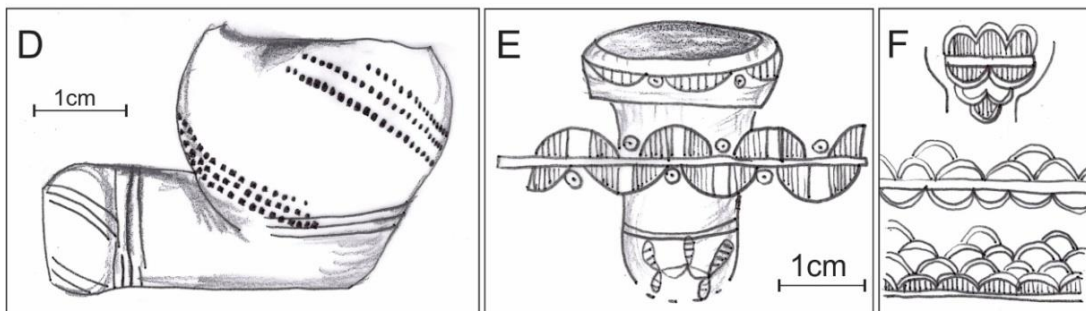


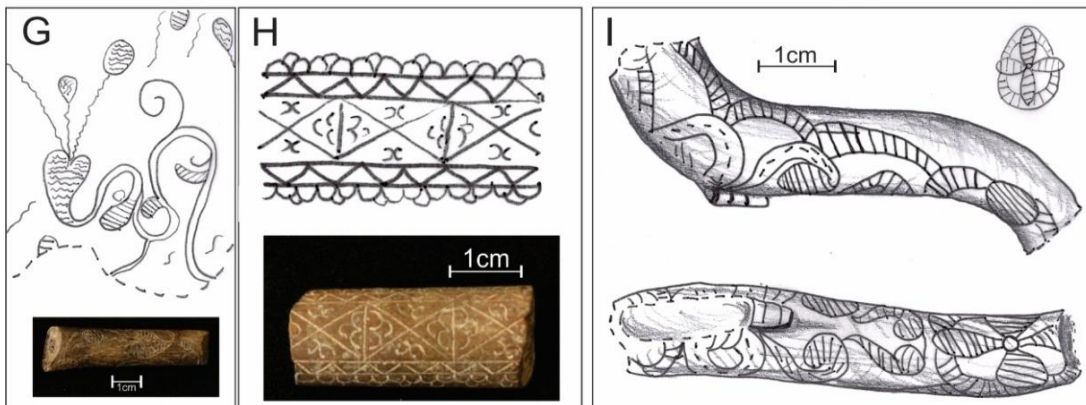
Figura 7: Cachimbos de barro do forte Orange, Itamaracá, PE. Decoração incisa, excisa, ponteadada e carimbada. Com exceção da peça 'A', tratam-se de cachimbos de forma longa. Os forninhos de indicação 'C', a julgar pela sua forma semelhante a de outras peças, provavelmente referem-se a cachimbos também longos. Foto e desenhos da autora.



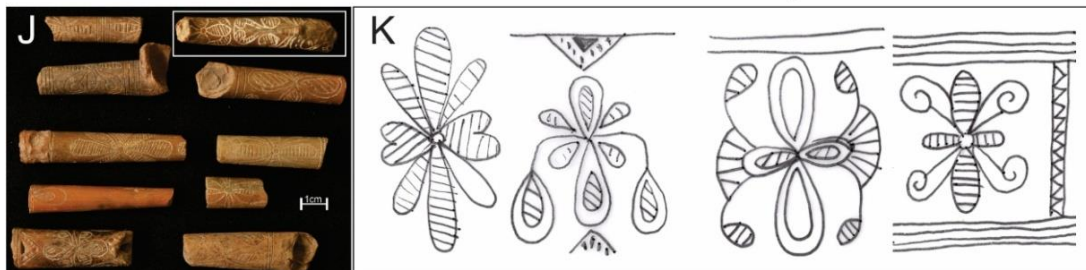
A: Cachimbo curto, com decoração carimbada em peça provavelmente modelada;  
 B: Fornilho em forma de coração, com decoração excisa em cima e incisa em traços finos embaixo; C: Cachimbos curtos e longos, com decoração incisa em traços finos.



D: Decoração incisa em peça modelada;  
 E: Decoração incisa em peça modelada. Notar incisões finas e motivo 'em onda'.  
 F: Demais motivos 'em onda', identificados em outras peças.



G: Decoração incisa em traços finos; E: Decoração incisa em traços finos;  
 F: Haste curvilínea, com motivo floral inciso em traços finos.



J: Cachimbos com haste longa e decoração incisa em traços finos.  
 Assinalada com retângulo branco, está a haste curvilínea (croqui 'I').  
 K: Demais motivos florais, identificados em várias peças.

Figura 8: Cachimbos de barro do forte Orange, Itamaracá, PE. Decoração carimbada, excisa, ponteadada e incisa em traços finos.  
 Fotos e desenhos da autora.

Enquanto os cachimbos de argilas brancas aqui estudados certamente foram produzidos no exterior e importados, o mesmo não pode ser afirmado quanto aos cachimbos de barro escavados no forte. Pelo contrário, a produção europeia de cachimbos de barro colorizados, seja ela inglesa, holandesa, francesa ou portuguesa (Hissa, 2018), não parece ter incluído exemplares com essas formas e decorações específicas. Isso parece ser válido tanto para os cachimbos de haste longa quanto para aqueles que necessitam inserção de piteira.

Observou-se uma leve e distante similaridade entre algumas peças produzidas na baía de Chesapeake, na costa leste dos EUA, e especificamente os cachimbos de haste longa do forte. A forma geral desses cachimbos estadunidenses era longa e reta, com a ocorrência de ao menos um exemplar com haste curva. Seus forninhos apresentavam-se de formatos variados, como cônicos e altos ou facetados. Datados do início dos 1600s até o primeiro quartel do século XVIII, eram feitos por modelagem ou moldagem, com pastas também colorizadas entre o vermelho e o marrom escuro, e a sua decoração se valia amplamente de incisões suaves, pequenos ponteados formando imagens geométricas ou zoomorfas, carimbos geométricos e florais, e o uso da carretilha. A vaga semelhança observada se refere mais à forma geral das peças e às técnicas de fabrico e de decoração. Contudo, a afinidade é pequena, remota e insuficiente, de modo que não permite aferir importações para o caso do forte, se é que a produção de Chesapeake chegou a tomar tais proporções e a tomar parte de forma significativa em um mercado mundial, o que não parece ter sido o caso (Agbe-Davies, 2004; Luckenbach, s/d; Luckenbach e Kiser, 2006).

De fato, em busca assistemática a periódicos oitocentistas, foram identificadas algumas informações históricas que indicam uma produção regional. Uma primeira, de 1842, menciona uma embarcação nacional levando de Pernambuco para o Rio de Janeiro gêneros ditos nacionais e carregava 19 barricas de cachimbos<sup>20</sup>. Outra, de 1845, faz referência à venda de grandes quantidades de cachimbos bem feitos para embarque em Recife: “Vendem-se 50 milheiros de cachimbos mui bem feitos para embarque, por preço muito cômodo; na rua Nova n.67”<sup>21</sup>. Outra, menciona entre “preços correntes do açúcar, algodão e mais gêneros do país, que se despacham na mesa do consulado de Pernambuco, na semana de 27 de março a 1 de abril de 1854”<sup>22</sup> o valor de 9\$000 Réis para o milheiro de cabeças de cachimbo de barro. Por alguma razão, dois anos depois, o milheiro nominalmente do mesmo produto custava 5\$000 Réis<sup>23</sup>. Essas poucas referências já indicam uma produção escoada pelo porto do Recife, com alguma dispersão pelo território brasileiro, aqui não quantificada e que deverá ser futuramente melhor explorada.

Assim, considerando as características artesanais das formas e das decorações dos cachimbos, tal como a sua dessemelhança formal e decorativa em relação a produções internacionais e as (ainda que poucas) menções históricas a alguma fabricação brasileira na região, aposta-se aqui na sua produção ser vernácula.

Para compreender tal fabricação, especialmente no que tange sua escala, pergunta-se: *ela teria sido uma produção doméstica para uso absolutamente local ou se teria sido uma manufatura algo especializada, em escalas além do consumo caseiro e com alguma dispersão dos seus produtos? Para buscar responde-las, imagina-se um primeiro passo: o de mapear geograficamente recorrências de tipos de formas das peças, os estilos gráficos e técnicas de fabrico. Isso, contudo, já enuncia uma dificuldade epistemológica: como construir esses tipos? Para serem consideradas produtos de um mesmo fabricante, o quão similar devem ser tais peças de produção muitas vezes artesanal em todas as etapas? Quais os critérios*

<sup>20</sup> *Diário do Rio de Janeiro*. 22 Fev. 1842. Rio de Janeiro. Ed. 41, p. 2.

<sup>21</sup> *Diário de Pernambuco*. 17 Jun. 1845. Recife. Vendas. Ed. 131, p. 4.

<sup>22</sup> *Diário de Pernambuco*. 28 Mar. 1854. Recife. Pauta. Ed. 71, p. 3.

<sup>23</sup> *Diário de Pernambuco*. 26 Fev. 1856. Recife. Pauta. Ed. 51, p. 3.

*específicos a serem utilizados, para além de padrões decorativos ou da forma (por exemplo, quais e quantas ferramentas usadas para elaborar um mesmo padrão ou quais as argilas utilizadas em combinação com dado padrão)? Diante da possibilidade de fabricantes distintos utilizarem padrões similares, isso invalidaria essa empreitada? Guardados esses complicadores já esboçados, penso que essa tentativa poderá sim elucidar muito sobre a feitura e mesmo o uso dos cachimbos de barro no Brasil e que a recorrência de equivalências ou de similaridades em dispersão espacial regional poderá indicar produções em escalas maiores, desafiando as proibições metropolitanas acerca da produção de manufaturas na colônia.*

Nesse sentido, observou-se uma semelhança entre alguns cachimbos localizado a cerca de 11 km em linha reta do forte e alguns dentre os cachimbos dessa coleção que apresentam repertórios estilísticos condizentes com estéticas africanas ou afrodescendentes. Tratam-se dos exemplares de feitura longa e motivos incisos geométricos grossos (ver Figura 7D) que tem forte paralelo com fragmentos encontrados na suposta senzala em propriedade beneditina (ver Medeiros, 2005:88). É mencionada a existência de uma olaria nessa Fazenda de São Bento de Jaguaribe para feitura de telhas, tijolos e louças de cerâmica que possivelmente voltava-se também à produção de cachimbos. Os cachimbos da Figura 7D então poderiam ter sido produzidos em localidade próxima, quiçá essa mesma olaria beneditina, e levados para consumo no forte. Esse caso levanta uma outra possibilidade e via para essa discussão. É possível que a produção dos cachimbos se desse frequentemente de maneira concomitante à produção cerâmica doméstica, utilizando-se da mesma estrutura física para manuseio e queima das peças. Assim, outra via de interesse será comparar motivos e técnicas decorativos entre os cachimbos e as cerâmicas regionais. Nesse caso, infelizmente, entre os poucos trabalhos identificados e lidos para esse artigo, não foi identificada cerâmica com características decorativas semelhantes às observadas nos cachimbos aqui apresentados.

Há também cachimbos de haste longa no forte holandês de Costa Brava, AL (distância agora já da grandeza de c. 200 km), com decorações em incisões grossas e finas (ver Figura 1a e 1b, em Allen, 2016:97), aparentemente semelhantes às das Figuras 7D e 8J deste artigo. Será interessante comparar os achados dos vários fortes do nordeste brasileiro bem como de outros sítios.

Apesar dessa aparente dispersão regional de peça modelada, considero plausível inferir que de modo geral os cachimbos moldados, pela maior rapidez na sua produção, tenham sido produzidos em maior escala e com distribuição mais abrangente que os modelados. Como exemplo, foi observada pela autora uma peça na coleção da Sé de Salvador, BA, muitíssimo semelhante a da Figura 5C. Outra, essa idêntica à mesma 5C, foi identificada em outro ponto da parte alta de Salvador (Silva, 2010:265) bem como outros cachimbos moldados de forma curta de piteira removível, tal como o 5D e o 5E. Agora já se trata de uma distância de 700 km aproximados em relação ao forte.

De forma análoga à hipótese dos cachimbos moldados apresentarem maior possibilidade de produção, venda e distribuição regional, penso que vários cachimbos modelados apresentam decoração de tal miudeza, variação e aparente liberdade artística, beirando à criação do momento, que sugerem ser produções extremamente artesanais, lentas, obedecendo a uma lógica de distribuição local. Estima-se que o tipo de cachimbo com haste longa, sobretudo o de decoração em traços mais finos aqui apresentado, seja uma produção dessa natureza. Contudo essa hipótese deverá ser embasada com levantamentos feitos com maior amostragem e em escala ampla, incluindo, por exemplo, os cachimbos de Alagoas mencionados por Allen (2016).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sítios arqueológicos do Brasil, podem-se encontrar cachimbos brancos, de argilas caulínicas, referidos em periódicos oitocentistas como “de louça” ou “de barro branco”, e também os referidos nos mesmos periódicos simplesmente como “de barro”. Esses últimos são peças de argilas queimadas a baixas temperaturas, geralmente em tons terrosos, vermelhos e pretos, porosas, e que por vezes apresentam núcleo reduzido, do qual se infere o uso de argilas com algum teor de elemento corante como o ferro. São produzidos por modelagem ou moldagem, e a forma mais recorrente é angular curto, para inserção de piteira vegetal, mas também aparecem na forma de angular longo com haste e boquilha integradas. Esses apetrechos remetem a dois extremos, o da produção em massa, inseridos numa economia de escala mundial, e o da produção artesanal, de consumo local. Objetivou-se aqui aproximar num mesmo texto essas duas categorias de cachimbos para acentuar suas diferenças, bem como lembrar que conviveram no âmbito de uma mesma prática.

Os cachimbos de argilas caulínicas foram utilizados durante a ocupação holandesa do forte e, ao que tudo indica, sim, pelos batavos. Sugiro aqui, pelas razões já expostas, que o cachimbo branco foi um símbolo militar e naval do neerlandês, em tempos de belicosidade entre esse e o luso-brasileiro. Todavia, esse espaço era também habitado por muitas outras categorias sociais e, no forte, foram escavados numerosos outros cachimbos, feitos com pastas, formas e decorações distintas daqueles.

Enquanto foi possível traçar algo dos contextos que circundam o cachimbo branco com mais precisão, permanecem mais como especulação os contextos dos cachimbos de barro que busquei descrever aqui de forma preliminar. São cachimbos extremamente artísticos e mesmo que haja influências na sua produção, seja a partir do estilo barroco ou dos cachimbos holandeses bordados em flores de lis, essas não se sobrepuseram ou homogeneizaram a enorme variedade criativa de motivos decorativos que a coleção apresenta, a respeito da qual esse artigo não faz jus. Entretanto já fica claro que essas peças, conformadas e decoradas com técnicas de moldagem e modelagem relativamente simples, apresentam menor poder de massificação do produto, se comparado ao de caulim, denotando vários fabricantes locais distintos e, imagino, com a produção distribuída a nível local ou regional. Novamente, para confirmar essa hipótese, deve-se avaliar outras coleções em sítios de localização próxima a esse e/ou de natureza similar, aos poucos construindo um mapeamento sistemático de cachimbos de barro em escala regional.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço à prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Tania Andrade Lima (MN-UFRJ), ao prof. Dr. Marcos Albuquerque (UFPE) e à equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, à prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Hannedea Van Nederveen Meerkerk (MOWIC Foundation), ao prof. Dr. Bruno Miranda (UFRPE), ao Dr. Al Luckenbach e a Jan van Oostveen, que, de formas distintas, deram apoio a essa pesquisa. Agradeço também aos pareceristas anônimos da revista pelas sugestões oferecidas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, João Capistrano de. 1988. *Capítulos de história colonial*. Edusp, São Paulo.
- AGBE-DAVIES, Anna. 2004. The production and consumption of smoking pipes along the tobacco coast. In RAFFERTY, Sean & MANN, Rob. *Smoking and Culture: The archaeology of tobacco pipes in eastern North America*. The University of Tennessee Press, Knoxville. Pp. 273-304.
- AGOSTINI, Camilla. 1998. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional*, v. 3, n. 2, p. 115-137.
- ALBUQUERQUE, Marcos. 2006. Holandeses em Pernambuco: resgate material de la historia. In: PÉREZ, José Manuel Santos e SOUZA, George Cabral (orgs). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Ediciones Universidad Salamanca, Salamanca.
- ALBUQUERQUE, Marcos. 2007a. Arqueologia do Forte Brum. *DaCultura*, ano VII, n. 13. Pp. 43-50.
- ALBUQUERQUE, Marcos. 2007b. As escavações arqueológicas no Forte de Orange. *Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação*, v. 1, n° 2. Pp. 51-55.
- ALBUQUERQUE, Marcos. 2009. Arqueologia do Forte Orange. *DaCultura*, ano IX, n. 15 Pp. 37-47.
- ALBUQUERQUE, Marcos. 2010a. Arqueologia do Forte Orange II. *DaCultura*, ano IX, n. 16. Pp. 44-51.
- ALBUQUERQUE, Marcos. 2010b. Arqueologia do Forte Orange: o forte holandês. *DaCultura*, ano X, n. 17. Pp. 36-43.
- ALBUQUERQUE, Marcos & LUCENA, Veleda. 1997. *Arraial Novo do Bom Jesus*. Ed. Graftorre Ltda., Recife.
- ALLEN, Scott Joseph *et al.* 2009. Arqueologia da casa de aposentadoria, Penedo, Alagoas. *CLIO. Série Arqueológica (UFPE)*. v. 24. Pp. 161-176.
- ALLEN, Scott Joseph. 2016. Afrofatos. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. I, n. 1, p. 91-105.
- BARGÃO, A. & FERREIRA, S. 2013. Pátio Linheiro, largo dos Trigueiros: Um exemplo da Lisboa seiscentista. *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: AAP.
- BARTHEL, Stela. 2007. *Arqueologia de uma fortificação: O Forte Orange e a Fortaleza de Santa Cruz, em Itamaracá, Pernambuco*. 168 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BINFORD, L. 1978. A new method of calculating dates from kaolin pipe stem samples. In SCHUIYLER, R; (ed.). *Historical Archaeology: A guide to substantive and theoretical contributions*. Bayood Publishing Company Inc., Nova Iorque. Pp: 66-67.
- BRADLEY, J. & DEANGELO, G. 1981. European clay pipe marks form 17th century Onondaga Iroquois sites. *Archaeology of Eastern North America*, v. 9 Pp. 109-133.
- BRANCANTE, E. F..1981. *O Brasil e a Cerâmica Antiga*. Cia Lithographica, Ypiranga. São Paulo.
- CALADO, Marco *et al.* 2013. Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, v. 16. Pp. 383-392.
- CALADO, Marco *et al.* 2003. Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património: estudos, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico*, v. 5. Pp. 83-95.

- CARDOSO, João Luís. 2008. Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, v. 11, n. 1. Pp. 259-284.
- CURADO, Maria Eleonôra da Gama Guerra. 2010. *A faiança do Forte Orange, Itamaracá, Pernambuco*. 219 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- DALLAL, Diane. 2016. The Tudor Rose and the Fleurs-de-lis: Women and iconography in Seventeenth-Century Dutch clay pipes found in New York City. In RAFFERTY, Sean; MANN, Rob. *Smoking and Culture: The archaeology of tobacco pipes in eastern North America*. Knoxville: The University of Tennessee Press. Pp. 207-240.
- DUCO, Don. 1980. Clay pipe manufacturing processes in Gouda, Holland. In: dAVEY, Peter (Ed). *The archaeology of the clay tobacco pipe IV*. BAR International series 92. Londres: BAR, p: 179-218.
- DUCO, Don. 1987. *De NederlandseKleipijp*. Museu do Cachimbo, Leiden.
- DUCO, Don. 1993. Kleipijpen. In LENTING, J. et al (orgs). *Schans op de Grens: Bourtangerbodemvondsten 1580-1850*. Selligen:StichtingVestingBourtange.
- FERREIRA, Jonatas. 2013. *Pedra, ferro e sangue*. Monografia do curso de história da UFRN, Natal. 62 pgs.
- FERREIRA, Jonatas. 2014. Materialidade militar e presença holandesa na capitania do Rio Grande (século. XVII). *II Encontros coloniais*, Natal.
- GARY, Jack. 2007. Material culture and multi-cultural interaction at Sylvester Manor. *Northeast historical archaeology*, v. 36, n.1,p. 100-112.
- GOMES, Rosa Varela. 2012. A arqueologia da Idade Moderna em Portugal: contributos e problemáticas. *O ArqueólogoPortuguês*. Série V, n. 2. Pp. 13-75.
- HARRINGTON, J. 1978. Dating stem fragments of Seventeenth and Eighteenth century clay tobacco pipes. In SCHUYLER, R; (ed.). *Historical Archaeology: A guide to substantive and theoretical contributions*. BayoodPublishingCompany Inc., Nova Iorque. Pp: 63-65.
- HISSA, Sarah de Barros Viana. 2018. *O petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX*. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- HISSA, Sarah de Barros Viana & LIMA, Tania Andrade. 2017. Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista: História, cultura e material*, v. 25. Pp. 225-268.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. 2014. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo.
- LUCKENBACH, Al. *The Swan Cove Kiln: Chesapeake Tobacco Pipe Production, Circa 1650 – 1669*. S/d. Disponível em <<<http://www.chipstone.org/article.php/171/Ceramics-in-America-2004/The-Swan-Cove-Kiln:-Chesapeake-Tobacco-Pipe-Production,-Circa-1650---1669->>> Acesso em 01/02/2016.
- LUCKENBACH, Al; KISER, Taft. 2006. Seventeenth-Century tobacco pipe manufacturing in the Chesapeake region: A preliminary delineation of makers and their styles. In HUNTER, R. (ed.). *Ceramics in America*. University Press of New England, Hanover. Pp. 160-177.
- MEDEIROS, Elisabeth Gomes de Matos. 2005. *O povoado dos arrecifes e o baluarte holandês do século XVII*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife.

- MEDEIROS, Mércia Carréra. 2005. Reconstituição de uma fazenda colonial: estudo de caso Fazenda de São Bento de Jaguaribe. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife.
- MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. 1977a. O Galeão Sacramento (1668): Um naufrágio do século XVII e os resultados de uma pesquisa de arqueologia submarina na Bahia (Brasil). *Revista Navigator*, v. 13. Pp. 7-40.
- MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. 1977b. O fumo no nordeste, 1500-1654. *Revista do Instituto arqueológico, histórico e geográfico pernambucano*, Recife, v. XLIX. Pp. 253-292.
- MELLO NETO, Ulysses Pernambucano de. 1983. *O Forte das Cinco Pontas*. Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife.
- MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. 2011. Sobre os que fazem a guerra: migração, origem e perfil social dos soldados do exército da companhia das índias ocidentais (1630-1654). *Clio – Revista de pesquisa histórica*, v. 29, n.2.
- MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. 2013. Cotidiano, trabalho e resistência no exército da companhia das índias ocidentais do Brasil (1630-1654). *Revista do IAHGP*, Recife, n. 66. Pp. 169-188.
- MOREIRA, André. 2007. *Arqueologia Histórica na cidade de Olinda*. Centro de estudos avançados da conservação integrada, Olinda.
- NIEUHOFF, Joan. 1951. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. Livraria Martins Editora S. A., São Paulo.
- NAJJAR, R. Compra-se aterro! 2010. In NAJJAR, Rosana (org.). *Arqueologia do Pelourinho*. Brasília, IPHAN. Pp. 266-279.
- OOSTEVEEN, Jan Van. 1996. Kalfje, 17e eeuwsekleipijpen. *Het Profiel*, 1996, dez., p.03-32.
- OOSTEVEEN, Jan Van. 2015. Tabak, tabakspijpenmakers en hunproducten in Rotterdam (1600-1675). In *BOOR notitie 19*. Bureau OudheidkundigOnderzoek Rotterdam, Roterdã.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. 2015. *A viagem como vocação: Itinerários, parcerias e formas de conhecimento*. Edusp, São Paulo.
- PEREIRA, Antônio Luís. 2003. Cachimbos Cerâmicos do Século XVII da Casa do Infante (Porto). *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Pp. 253-269.
- PIMENTA, João *et al.* 2008. Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge, em Lisboa. *Actas das 4 Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Pp. 335-353.
- PINTO, Marina *et al.* 2011. Cachimbos de caulino provenientes do mercado da ribeira: contributo para a história sócio-econômica da Lisboa moderna. *Apontamentos de arqueologia e patrimônio*, v. 7. Pp. 41-48.
- RICHSHOFFER, Ambrósio. 1978. *Diário de um soldado da Companhia das índias ocidentais*. IBRASA, São Paulo.
- RICUPERO, Rodrigo. 2017. O exclusivo metropolitano no Brasil e os tratados diplomáticos de Portugal com a Inglaterra (1642-1661). *Revista de História*, São Paulo, n.176, Pp. 01-33.
- SANCHES, Marcos Guimarães. 2004. A mais deliciosa, próspera e abundante: a capitania de Pernambuco e o projeto holandês no Brasil. In TOSTES, Vera & BENCHIETRIT, Sarah Fassa (orgs). *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Museu histórico nacional, Rio de Janeiro. Pp. 169-184.
- SILVA, Cláudio César Souza. 2010. Um passado através do lixo. In NAJJAR, Rosana (org.). *Arqueologia do Pelourinho*. IPHAN, Brasília. Pp. 245-265.

- SILVA, Leonardo Dantas. 2004. Sociedade e vida privada no Brasil holandês. In TOSTES, Vera & BENCHIETRIT, Sarah Fassa (orgs). *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Museu histórico nacional, Rio de Janeiro. Pp. 225-250.
- TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. 2007. Forte Orange. *DaCultura*. ano VII, n. 12. Pp. 51-60.
- VAINFAS, Ronaldo. 2014. Tempo dos flamengos: A experiência colonial holandesa. In FRAGOSO, João & GOUVÊIA, Maria. *O Brasil Colonial: 1580-1720*. Vol 2. 2014. Pp. 227-265.